

# Nos bastidores do circo

O CIRQUE DU SOLEIL ASSOCIA SUA IMAGEM CORPORATIVA À CRIATIVIDADE E FANTASIA. NOS BASTIDORES, PORÉM, FUNCIONA COM O SOFRIMENTO INVISÍVEL DE SEUS ATORES

por Maria José Tonelli

Na série em DVD *Fire Within*, do diretor Lewis Cohen, podemos acompanhar, em 13 episódios, a montagem de um dos espetáculos do Cirque du Soleil. A série é quase tão deslumbrante quanto o circo, mas não esconde as dificuldades dos bastidores.

A seqüência relata a chegada dos novos artistas, o processo de preparação dos números individuais, a junção de todos os pequenos trechos, ensaiados em separado, os ajustes finais, as mudanças de última hora antes da apresentação, até a versão final que vai a público.

**ARTE E INDÚSTRIA.** O Cirque du Soleil não é apenas arte, mas também uma indústria. Claro que se trata de uma indústria em que a criatividade e a beleza são os resultados desejados, mas seu desenvolvimento passa pelas mesmas etapas de uma organização industrial, que une elementos de modelos tradicionais da divisão do trabalho com conceitos mais contemporâneos de franquias e autonomia das unidades de negócios.

Uma das características mais marcantes do taylorismo está presente também no Cirque: a clássica separação entre concepção e execução. O diretor do espetáculo tem poder absoluto de veto, até o último momento, sobre inclusão ou não dos números que estão sendo ensaiados. Ele é o responsável pela concepção e tem a visão do conjunto. Os participantes não sabem exatamente no que vai resultar todo aquele esforço.

Além disso, não é fácil participar do elenco e corresponder às altas expectativas de perfeição e beleza exigidas pelo diretor e pelo próprio espetáculo. O processo seletivo é exigente e, uma vez incluído no elenco, não há garantias de permanência. Alguns artistas questionam o tipo de contrato que devem assinar. Os desligamentos podem ocorrer até nas vésperas do espetáculo.

**INSTITUIÇÃO TOTAL.** No Cirque, os dramas pessoais são inúmeros. Estar no grupo exige vários sacrifícios: hotéis se transformam em residência fixa, a família passa a ser o circo e as relações pessoais ficam em suspenso, aguardando disponibilidade dos atores.

Como nos circos tradicionais, a vida no Cirque du Soleil é, literalmente, uma “vida mam-bembe”. Como em outras empresas transnacionais contemporâneas, a questão da diversidade cultural revela tanto o potencial criativo como os conflitos. Nem todos se entendem em seus idiomas e especificidades de jeito de viver.

Entrar para o Cirque du Soleil significa participar de uma instituição total, no sentido dado por Erving Goffman, há cerca de 50 anos. Trata-se de abrir mão da vida pessoal para ganhar, na troca, o brilho e as emoções das apresentações. A devoção exigida é quase a de uma seita religiosa. No mundo de hoje, parece que abandonamos as religiões para nos devotarmos às organizações.



**SOFRIMENTO INVISÍVEL.** É possível interpretar a adesão dos funcionários ao Cirque pelo prisma do “sofrimento criativo”. O psicanalista Christophe Dejours nos informa que não há trabalho sem sofrimento.

Porém, alguns trabalhos provocam um sofrimento patogênico, enquanto outros permitem criatividade e transposição das energias potenciais de cada um para atividades gratificantes, que nos orgulham e permitem, além disso, o reconhecimento público – venha ele da família, dos pares ou de superiores na hierarquia das organizações.

Os trabalhadores do Cirque du Soleil enfrentam a cada momento questões como essas: o número preparado está de acordo com as exigências do diretor? Os jornalistas elogiarão o espetáculo? O público vai gostar? Para o artista, o momento de glória é o reconhecimento do público pela *performance* de cada um e do grupo.

É claro que o público que assiste aos espetáculos do Cirque não vê seus bastidores; no palco, ele é fascinado pela ilusão da *performance*. A estética dos movimentos, da música e das cores oferece uma visão mais bonita de nós mesmos e, nesses instantes, o sofrimento dos atores fica invisível. ✖